



Nro. 33
JULIO – DICIEMBRE
2025
e-ISSN 2451-5965
Recibido: 22/10/2024
Aceptado: 13/05/2025
Pp.1 - 15

 doi.org/10.48162/rev.48.102

Tensões e contradições de e no artesanato no século XXI: notas para um debate

Tensiones y contradicciones de y en la artesanía en el siglo XXI: apuntes para un debate

Tensions and Contradictions of and In Crafts In the 21st Century: Notes For a Debate

Alfonso de Alencar Melo Júnior

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Programa de Posgrado en Administración (PROPAD)
Brasil
adolfoalencar@gmail.com

Diogo Henrique Helal

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Fundación Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
Programa de Posgrado en Administración (PROPAD)
Brasil
diogohh@yahoo.com.br

Resumo

Este ensaio propõe uma análise crítica das tensões e contradições do artesanato no século XXI, em um contexto de rápidas transformações tecnológicas, sociais e econômicas. O objetivo é discutir como os artesãos equilibram a preservação de saberes tradicionais com as exigências de um mercado globalizado, enfrentando a dicotomia entre economia e tradição. A reflexão realizada indica que, apesar das pressões do capitalismo e da falta de regulação, o artesanato mantém sua relevância cultural, servindo como forma de resistência e criatividade. Conclui-se que, embora o artesanato enfrente desafios significativos, como a precarização e a desvalorização, ele continua a ser um espaço de resiliência cultural, onde a originalidade e a identidade comunitária podem prosperar, desde que haja uma reflexão crítica sobre as relações de poder e as dinâmicas de mercado que moldam essa atividade.

Palavras-chave: Artesanato. Contemporaneidade. Capitalismo. Tradição. Resiliência

Resumen

Este ensayo propone un análisis crítico de las tensiones y contradicciones de la artesanía en el siglo XXI, en un contexto de rápidas transformaciones tecnológicas, sociales y económicas. El objetivo es discutir cómo los artesanos equilibran la preservación del conocimiento tradicional con las demandas de un mercado globalizado, enfrentando la dicotomía entre economía y tradición. La reflexión realizada indica que, a pesar de las presiones del capitalismo y la falta de regulación, las artesanías mantienen su relevancia cultural, sirviendo como forma de resistencia y creatividad. Se concluye que, si bien la artesanía enfrenta desafíos importantes, como la precariedad y la devaluación, sigue siendo un espacio de resiliencia cultural, donde la originalidad y la identidad comunitaria pueden prosperar, siempre y cuando exista una reflexión crítica sobre las relaciones de poder y las dinámicas de mercado que dar forma a esta actividad.

Palabras Clave: Artesanía. Contemporáneo. Capitalismo. Tradición. Resiliencia.

Abstract

This essay proposes a critical analysis of the tensions and contradictions of craftsmanship in the 21st century, within a context of rapid technological, social, and economic transformations. The aim is to discuss how artisans balance the preservation of traditional knowledge with the demands of a globalized market, facing the dichotomy between economy and tradition. The reflection indicates that, despite the pressures of capitalism and the lack of regulation, craftsmanship maintains its cultural relevance, serving as a form of resistance and creativity. It concludes that, although craftsmanship faces significant challenges, such as precariousness and devaluation, it continues to be a space of cultural resilience, where originality and community identity can thrive, provided there is critical reflection on the power relations and market dynamics that shape this activity.

Keywords: *Craftsmanship. Contemporaneity. Capitalism. Tradition. Resilience.*

Introdução

Vivemos em uma era de profundas transformações, onde a aceleração tecnológica, a globalização econômica e as mudanças nas estruturas sociais redefinem constantemente as relações humanas, os modos de produção e a percepção de cultura e tradição. Dentro deste turbilhão de inovações e desafios, o artesanato emerge como um campo de estudo fascinante, rico em tensões e contradições. Este antigo ofício, que mescla habilidades manuais com expressões culturais, encontra-se num delicado equilíbrio entre a preservação de técnicas e saberes tradicionais e a necessidade de navegar em um mercado cada vez mais dominado pelo capitalismo global e pela produção em massa. O século XXI, com suas características únicas de fragmentação e busca por autenticidade, oferece um pano de fundo complexo para analisar como o artesanato e os artesãos se adaptam, resistem e se reinventam frente às pressões externas e às expectativas internas de suas comunidades e da sociedade em larga escala.

Existe certa dualidade quando se fala de artesanato, em especial quando se põe em foco o sujeito por trás da peça, ora diga-se, artística: o artesão. O artesanato é tradicional, é manifestação cultural que, absorvida pelo sistema capitalista (não há como fugir dele), tem o objeto da sua tradição comercializado (Canclini, 1983; Moraes et al., 2020). Porém não se pode esquecer do sujeito artesão, do indivíduo que, perto ou longe de enxergar seu trabalho como contraposição ao mundo moderno, a enxerga como meio de sobrevivência, de subsistência (Alvim, 1983). Reconhecido como uma forma de arte, o artesanato é, ao mesmo tempo, um ofício que contribui para a difusão e perpetuação da cultura de uma sociedade. Tentando manter viva a tradicionalidade de seu ofício em tempos de tensões trazidas com a globalização do mercado consumidor, os artesãos enfrentam o desafio de atender às demandas do sistema capitalista ao mesmo tempo em que promovem valores de trabalho que, tradicionalmente, são calcados em um ritmo diferente do ritmo do capitalismo contemporâneo, enfatizando a importância da contemplação e de um tempo mais lento (Lima, 2016).

A partir desta reflexão, neste ensaio propomos uma análise crítica sobre as tensões e contradições vivenciadas pelo artesanato e pelos artesãos no século XXI, uma época marcada por rápidas transformações tecnológicas, sociais e econômicas. Atravessamos um momento histórico em que a valorização da produção manual e tradicional encontra-se em constante embate com a lógica de produção em massa e a eficiência produtiva preconizadas pelo sistema capitalista. Neste sentido, este trabalho se debruça sobre o paradoxo do artesanato contemporâneo, situado na intersecção entre a preservação de saberes ancestrais e a necessidade de adaptação a um mercado globalizado, que impõe desafios sem precedentes para os artesãos. Seguiremos o entendimento de Vieira (2019) ao defender que a falta de uma definição definitiva, imutável e universal do termo artesanato sugere que este conceito deve ser considerado dentro de um contexto mais amplo, por estar intrinsecamente ligado a estruturas culturais, sociais, econômicas e políticas,

não podendo ser compreendido isoladamente. Tal entendimento coaduna com Keller (2014) ao afirmar que do trabalho artesão, considerando as dimensões nas quais ele está inserido, emergem as tensões que permeiam a condição artesã, afetando o sujeito em seus aspectos mais subjetivos.

Mas como, antes de qualquer reflexão, definir artesanato? Seguiremos, para tanto, o entendimento de Moraes et al. (2020) ao afirmarem que não há como se definir o termo na contemporaneidade haja vista sua multiplicidade de formas. As autoras dividem o artesanato em quatro aspectos: o tradicional, a partir do qual se organizam comunidades que perpetuam esses saberes e fazeres; o urbano, voltado à produção artesanal para subsistência; o informal, produzido e comercializado em feiras e atrativos turísticos (aqui entendido como o artesanato souvenir); e o moderno, no qual predominam indivíduos mais jovens que seguem as tendências de moda e design em sua produção. Acrescente-se a este entendimento o fato de que a atividade artesã ainda é permeada por uma questão simbólica (Sá, 2023) que guarda sua identidade cultural, mas que vem sendo, por que não dizer, atropelada pela atividade econômica, uma vez que passa a ser a principal atividade de um núcleo familiar ou comunidade (Sá et al., 2020). Tal situação coaduna com Keller (2014) ao defender a atividade artesã como um meio de subsistência não apenas do artesão como também da identidade e tradição cultural que dela deriva.

Ainda que tensionado por processos de mercantilização e perda de autonomia, o fazer artesanal resiste e revela potências contra-hegemônicas, ao se opor à lógica massificada e impessoal da produção orientada exclusivamente pelo capital (Dickie & Frank, 1996). Portanto, ao examinar criticamente as contradições e os desafios que permeiam o artesanato e a atuação dos artesãos, diante de um cenário de intensas transformações tecnológicas, sociais e econômicas, torna-se necessário considerar que, na contemporaneidade – caracterizada pela fragmentação, pela desconfiança nas metanarrativas, pela crise da representação e pela emergência de novas formas de subjetividade e de relações sociais (Harvey, 2008) –, o artesanato ocupa um lugar ambíguo. Por um lado, ele é constantemente reconfigurado diante das dinâmicas do modo capitalista de produção, que tende a relegar o artesão a um papel secundário (Machado et al., 2020); por outro, mantém-se como uma prática social significativa, vinculada tanto às necessidades individuais quanto coletivas.

Considerar o artesanato sob a ótica das tensões contemporâneas é reconhecer sua permanência como expressão simbólica e cultural que resiste às pressões da lógica produtiva dominante. A prática artesanal, herdeira de saberes ancestrais, manifesta-se como contraponto à homogeneização imposta pela produção em massa, preservando modos de fazer que carregam identidade, memória e sentido. No entanto, sua inserção no mercado globalizado impõe dilemas complexos, que exigem dos artesãos constantes negociações entre autenticidade e adaptabilidade, entre subsistência e expressão. Assim, ao longo deste ensaio, buscamos evidenciar as contradições que permeiam o fazer artesanal na contemporaneidade, entendendo-o como um espaço de disputa simbólica, econômica e cultural, no

qual tradição e inovação não se excluem, mas se tensionam mutuamente em busca de relevância e continuidade.

Entre o simbólico e o mercantil: as tensões do artesanato no século XXI

Na atividade artesã encontramos a originalidade do processo criativo, baseado na liberdade e autonomia do artesão, que pensa e executa suas próprias criações. Apesar de participar do mercado para obter renda, o artesão frequentemente utiliza seu ofício como forma de expressar valores comunitários e tradições locais, o que lhe proporciona satisfação pessoal e desenvolvimento de habilidades (Rhoden et al., 2017). No entanto, no contexto atual de rápidas transformações tecnológicas, sociais e econômicas, o artesanato se vê imerso em um campo de tensões: entre tradição e inovação, autenticidade e adaptação, subsistência e precarização.

Polanyi (2012) nos ajuda a compreender as contradições desse contexto ao criticar a civilização industrial e sua ênfase na divisão do trabalho, padronização da vida e supremacia do mecanismo sobre o organismo. No trabalho artesanal, essas forças se manifestam na pressão por eficiência e rentabilidade, que afetam diretamente a viabilidade das práticas tradicionais. A produção, para Polanyi, é uma atividade coletiva, enraizada nas relações sociais. Isso se aplica às comunidades artesãs, onde economia e vida social estão profundamente entrelaçadas – uma realidade que resiste à separação imposta pela lógica de mercado.

Autores como Bell et al. (2018) reforçam o entendimento do artesanato como fenômeno cultural e socialmente construído, moldado por práticas coletivas e contextos históricos específicos. O trabalho artesão, portanto, é mais do que meio de subsistência: é um elemento constitutivo da identidade cultural. Ainda assim, a busca por renda obriga os artesãos a se submeterem a lógicas de mercado que, muitas vezes, se chocam com os fundamentos simbólicos do ofício (Dickie & Frank, 1996).

A realidade do setor artesanal é marcada por informalidade, instabilidade e exploração. Segundo Shah e Patel (2017), o artesanato opera majoritariamente em mercados não regulamentados, baseados em trabalho intensivo, uso de tecnologias tradicionais e recursos locais. Isso leva muitos artesãos a posições de vulnerabilidade social e econômica (Fernandes, 2017; Sá, 2020). A presença de intermediários, que concentram os lucros e deixam ao produtor apenas uma pequena parcela, agrava esse cenário (Leistner, 2018).

A lógica capitalista penetrou de tal forma o universo artesanal que, segundo D'Ávila (1983), já não é possível distinguir completamente o trabalhador industrial do artesão. Ambos são pressionados por exigências de produtividade e renda, o que pode levar à alienação do trabalho artesanal e à perda de seu sentido simbólico. A produção massificada e padronizada, típica

da indústria moderna, leva ao declínio das oficinas artesanais (Keller, 2014), transformando o artesanato em simples mercadoria.

Essa transformação não se dá apenas pela lógica de mercado, mas também pelas condições estruturais e históricas que mantêm o artesanato à margem do processo econômico e governamental mainstream. Como observa Torres (2016), a atividade artesã foi, desde o início do século XX, identificada como exclusão do trabalho industrial, carregando consigo uma complexidade própria – com técnicas, formas de organização e racionalidades que não se encaixam nos moldes hegemônicos de produção. Essas formas, por atravessarem a cultura e se estenderem por diversos territórios sociais, revelam que o artesanato não é um resíduo da economia moderna, mas sim uma prática viva, que resiste a ser capturada integralmente pelas estruturas da economia formal.

Contudo, a precariedade que marca grande parte das iniciativas artesanais reflete justamente essa fratura entre o modo tradicional de produção e o modelo hegemônico de desenvolvimento. Isso revela uma tensão não apenas produtiva, mas ontológica e política, já que o artesanato é constantemente reinterpretado de fora para dentro – seja pelo turismo, pela gestão pública ou pela retórica do empreendedorismo – sem considerar suas lógicas internas e seus sentidos sociais originais.

Essa tendência é reforçada por políticas públicas que promovem o “empreendedorismo artesão”, como o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Tais iniciativas, ao tentarem inserir o artesanato no mercado competitivo, muitas vezes ignoram a lógica sociocultural do ofício, transformando tradição em comércio (Marquesan & Figueiredo, 2014; Leistner, 2018). O turismo, os selos de certificação e a interferência de técnicos externos reforçam esse deslocamento do simbólico para o utilitário.

Nesse contexto, o simbolismo da prática artesanal enquanto manifestação cultural se perde ante a pressão econômica que, impelido por diversas forças que, se não resistidas, tendem a desestruturar as comunidades que dela sobrevivem (Ramos, 2013). As novas demandas do mercado, políticas públicas muitas vezes implementadas sem participação planejada, o interesse seletivo dos turistas, e a interferência de profissionais externos com capital simbólico acadêmico têm impulsionado o artesanato ao chamado “empreendedorismo”, transformando a tradição em simples comércio e desfigurando o seu papel como expressão cultural viva.

Essa mercantilização, embora por vezes vista como “valorização” do ofício, pode, na verdade, descaracterizar sua essência ao deslocar seu sentido original para atender expectativas externas. Assim, o artesão se vê compelido a adaptar sua produção a padrões estéticos e funcionais impostos por lógicas turísticas, governamentais ou empresariais – o que representa uma ruptura entre o fazer artesanal e sua matriz cultural comunitária. Não se pode perder de vista que a atividade artesanal, em seu pilar fundamental, é coletiva, que contribui para a construção da identidade cultural de determinada sociedade, agindo, ainda, como uma forma de comunicação cultural dinâmica que possibilita a interação entre artesãos e consumidores, ajudando a

compreender os elementos culturais envolvidos nas atividades cotidianas de ambos (Bell et al., 2018; Machado & Colvero, 2017).

Esse processo tem nome: “industrianato” – termo que descreve uma produção artesanal em escala, focada na demanda mercadológica e na repetição de padrões (Ribeiro et al., 2018). Vieira et al. (2023) definem o industrianato como produção em larga escala de produtos padronizados, sem as imperfeições naturais e a singularidade típicas do artesanato autêntico, comum em áreas turísticas, onde muitas vezes os produtos nem sequer são fabricados localmente, perdendo assim sua conexão com a cultura e a tradição da região. A globalização intensifica esse fenômeno ao padronizar práticas e símbolos, criando um mercado global de significados (Mello & Froehlich, 2022). A identidade do artesanato, neste contexto, corre o risco de se dissolver em produtos “autênticos” formatados para o consumo turístico.

Não obstante, a entrada do artesanato nos circuitos turísticos e mercadológicos, onde os produtos precisam atender às demandas externas, coloca a atividade artesanal e os sujeitos que dela sobrevivem em uma posição de subordinação ao mercado. O controle sobre o que, como e quando produzir deixa de estar nas mãos do artesão e passa a ser ditado pelo mercado consumidor, desmotivando as novas gerações que, diante da necessidade de inovar ou de reproduzir modelos que atraem o turismo, perdem a autonomia criativa, um dos grandes atrativos do trabalho artesanal (Tedesco, 2018).

Apesar dos desafios, o artesanato ainda resiste. Muitos artesãos e comunidades reafirmam o valor simbólico e identitário do ofício, valorizando sua singularidade e autenticidade. Essa reafirmação também está presente em iniciativas que promovem mercados de nicho e circuitos curtos de comercialização (Anjos et al., 2021). Além disso, novas subjetividades artesãs emergem, construídas em diálogo com as mudanças contemporâneas, mas ainda enraizadas em valores culturais locais (Moraes et al., 2020).

O artesanato no século XXI é atravessado por contradições estruturais. Ao mesmo tempo em que é pressionado a se adequar ao mercado, ele segue como espaço de expressão cultural, resistência e construção de identidades. Esse embate entre tradição e modernidade, cultura e mercadoria, revela que o artesanato não é apenas um produto: é um campo simbólico em disputa. Compreender suas tensões é essencial para pensar políticas públicas mais sensíveis às realidades locais, bem como formas de desenvolvimento que respeitem a diversidade cultural sem reduzi-la a um valor de troca.

Do fazer à gestão: o artesão diante das lógicas do capital

Desde a Antiguidade, o artesanato desempenha um papel importante nas sociedades. Com o advento da era industrial, muitos acreditaram no seu desaparecimento (Leite, 2005). No entanto, o artesanato persiste, ainda que tensionado por uma lógica capitalista que fragmenta o simbólico e o econômico. Tal fragmentação cria divisões entre classes sociais e resulta na comercialização de produtos artesanais como meras mercadorias,

desprovidos de reconhecimento cultural. Esse processo contribui para a exploração dos artesãos, que são forçados a vender suas peças a preços baixos para intermediários que lucram ao revendê-las (Canclini, 1983).

A organização do campo artesanal está imersa em dimensões culturais, de gênero, estilo de vida e, não menos importante, aspectos econômicos dos seus atores (Silva & Silva, 2019). As influências do mercado, cada vez mais presentes, tornam-se centrais nas preocupações da gestão cotidiana da atividade, cuja transmissão de saberes é vital para sua sustentabilidade. Nesse processo, a reinvenção criativa do artesão agrega valor aos artefatos, pois a originalidade se torna objeto de desejo e redefine o que é um bom produto para o consumidor (Machado et al., 2020).

É impossível escapar das dinâmicas do capital. Thiemann (2022) afirma que ele opera eficazmente ao tornar o trabalho dependente dele, criando redes de dependência por persuasão ou coerção. Essa lógica é motor das transformações sociais e ecológicas dos últimos séculos e permite ao capitalismo se expandir continuamente. Nesse cenário, os indivíduos adaptam suas vidas às constantes mudanças nas esferas econômica, social e tecnológica, assumindo posições variadas: trabalhadores subordinados, autônomos ou exploradores do trabalho alheio. O artesanato surge como alternativa de subsistência dentro dessa dinâmica, oscilando entre autonomia e dependência. Apesar dessa fluidez, a maioria das pessoas se identifica com uma forma de relação dominante, seja como empregado, capitalista ou autônomo (Thiemann, 2022).

O artesão contemporâneo está inserido nas chamadas carreiras criativas – trabalhadores autônomos ou freelancers que enfrentam instabilidade financeira, ausência de direitos trabalhistas, alta competitividade, dependência do mercado, isolamento social e autogestão (Vieira & Granjeiro, 2020). Esses desafios colocam em risco a identidade cultural do artesão, pois a lógica do capital frequentemente impõe práticas gerenciais que comprometem sua criatividade e autenticidade. No Brasil, a atividade artesã transita entre o assistencialismo e a economia, predominando esta última, especialmente sob políticas neoliberais que submetem o fazer artesanal à lógica do mercado (Moraes et al., 2020).

Nesse contexto, o valor cultural do artesanato é subsumido à sua função econômica, e a subjetividade do artesão se dilui sob o discurso empreendedor, tensionando a tradição. Torres (2016) destaca o crescimento da atividade artesanal como forma de subsistência desde o final do século XX, intensificado por altas taxas de informalidade e desemprego. Essa precariedade se agrava sob o recorte de gênero: mulheres, muitas vezes acompanhadas de seus filhos, recorrem ao artesanato como forma de sobrevivência diante da escassez de oportunidades (Sapiezinskas, 2012).

Marquesan e Figueiredo (2014) observam que a produção artesanal no Brasil vem sendo reformulada por intervenções estatais e de organizações sociais que incentivam o "espírito empreendedor", convertendo o artesanato em fonte de emprego e renda ajustada ao mercado capitalista. A globalização e a indústria cultural têm transformado o artesanato em mercadoria esvaziada

de significado simbólico. Sá et al. (2020) exemplificam esse processo ao retratar o caso do Alto do Moura, em Caruaru (PE), onde transformações mercadológicas impactam a coletividade e afetam tradições locais. Souza et al. (2020) reforçam essa visão, destacando a dificuldade de perpetuar a tradição artesanal, dada a falta de interesse das novas gerações.

Apesar de reconhecida como prática artística e geradora de renda, a atividade artesã enfrenta transformações para se manter relevante na contemporaneidade. Peças artesanais são hoje exibidas em galerias, feiras de design e plataformas digitais (Canclini, 1983; Mello & Froehlich, 2021). No entanto, essa inserção corre o risco de esvaziar os valores fundamentais da tradição artesanal. Leite (2005) ressalta os limites da produção artesanal frente à industrialização voltada ao mercado. O autor destaca que o aumento da produtividade exige inovação técnica, mas isso fragmenta o elo entre saber e fazer que sustenta a pedagogia do ofício. Essa disjunção representa um risco real para a sustentabilidade do artesanato.

A comercialização do artesanato, frequentemente promovida por políticas públicas, tende a obscurecer seu potencial crítico e libertador, reafirmando estruturas sociais marcadas por desigualdade e dependência (Marquesan & Figueiredo, 2014). O Estado, em vez de proteger a cultura artesanal, muitas vezes reforça essa lógica ao focar no produto final, negligenciando o artesão e suas condições de produção (Oliveira & Neto, 2009; Moraes et al., 2020). Tal cenário revela um contexto de classe, em que a pobreza e a falta de acesso se tornam marcas do campo artesanal.

Siqueira et al. (2021) destacam que, no neoliberalismo, o artesanato persiste sob uma lógica na qual os indivíduos se veem como empresas, guiados por metas de produção, gestão e vendas. Essa mentalidade mercadológica permeia todos os aspectos da vida, empobrecendo sua qualidade. Apesar disso, o artesanato vive um paradoxo entre tradição e inovação, formalidade e informalidade, precarização e flexibilidade. O gerencialismo busca adaptar essa prática à lógica do capital, por vezes à custa da autenticidade do ofício. Assim, é preciso reconhecer que a atividade artesã está inserida em todas as dimensões do capital – econômica, cultural, social e simbólica.

Torres (2016, p. 391) afirma que "não existe, desde uma visão sociológica, um artesão como fato essencial na sociedade humana. Existe um sistema de relações que permite reconhecer uma estrutura artesanal em conflito e mudança". Machado et al. (2020) criticam a visão que contrapõe de forma simplista o tradicional ao moderno. Em vez de tratar o artesão como vítima passiva das transformações, os autores propõem enxergar o artesanato como atividade viva, permeada por criatividade e resistência. Ao valorizar culturas plurais e anônimas, é possível compreender o artesanato como processo dinâmico de construção de identidades e preservação da diversidade cultural.

A resposta a essa possibilidade, contudo, exige atenção às sutis formas de controle gerencial que tentam alinhar o artesão à lógica do capital. Thiemann (2022) compara o artesão ao proletariado: enquanto o segundo é

forçado a vender sua força de trabalho por não ter acesso aos meios de produção, o primeiro mantém certo grau de autonomia, mesmo que inserido na lógica mercantil. Para Gaulejac (2007), o artesão torna-se empreendedor de si, atendendo à lógica da produção padronizada e ao consumo pelo consumo. Essa padronização visa competitividade, mas compromete a riqueza simbólica e a identidade cultural do artesanato.

A gestão, voltada para a maximização da eficiência e do lucro, impõe uma racionalidade que subordina as escolhas políticas e sociais às necessidades do mercado, desconsiderando os valores intangíveis da atividade artesã, como a transmissão de saberes e a preservação da identidade comunitária. Além disso, a captura da subjetividade pelos imperativos da competitividade fragiliza os laços de solidariedade entre os artesãos, estimulando a ética do individualismo e da busca incessante por reconhecimento mercadológico. Esse movimento tensiona a essência coletiva do fazer artesanal, deslocando-o para uma lógica de visibilidade atrelada à superação do outro, em detrimento da partilha e do fortalecimento mútuo que historicamente caracterizam esse ofício (Gaulejac, 2007; Linhares, 2014). Assim, a atividade artesã se vê diante do desafio de equilibrar sua tradição comunitária com as exigências contemporâneas da economia gestionária, que tende a esvaziar seu sentido social em prol de uma lógica estritamente mercadológica.

Ainda assim, muitos artesãos resistem: mantêm sua autonomia, valorizam a criatividade e reconhecem que o mercado é apenas um dos aspectos de sua produção. Suas práticas desafiam o gerencialismo ao reafirmar a diversidade cultural e formas plurais de existência. Assim, o artesanato do século XXI se configura como espaço de tensão entre resistência e adaptação, tradição e inovação, autonomia e dependência – revelando os dilemas e contradições vivenciados pelos artesãos em tempos de rápidas transformações tecnológicas, sociais e econômicas.

Considerações Finais

Na contemporaneidade, o trabalho artesanal, cuja história está intrinsecamente ligada à evolução da humanidade (Faria & Silva, 2017), enfrenta contradições marcantes diante das novas formas de trabalho: flexíveis, precárias e muitas vezes desprovidas de significado subjetivo diante das pressões econômicas. Como, então, podemos classificar a atividade artesã hoje? Ela mantém-se subjetiva, como nos tempos antigos, ou adquiriu contornos predominantemente econômicos, sucumbindo à lógica capitalista de produção? Seguindo o entendimento de Machado e Colvero (2017), concordamos que o artesanato, longe de ser estático, se mantém em constante movimento e carrega consigo elementos culturais que ressignificam o tempo e o espaço.

Este ensaio buscou apresentar uma perspectiva crítica sobre a condição contemporânea da atividade artesã no Brasil, abordando aspectos recorrentes

como a precariedade, a luta por reconhecimento e sobrevivência, a tensão entre o “artesanato-arte” e a produção massificada, e o esforço de preservação cultural frente às pressões mercadológicas. Sem pretensão de abranger a totalidade dos contextos regionais e históricos, a análise concentrou-se em questões estruturais que afetam o artesanato como campo de resistência simbólica e prática socioprodutiva. A atividade artesã, carregada de simbolismo por expressar a cultura de um povo, sua identidade e sua história, parece estar em risco — mas esse risco decorre apenas de fatores econômicos? Como sustentar a produção frente à lógica mercadológica? Como perpetuar os saberes diante da precarização das condições de produção? O aspecto cultural resiste, mas, institucionalmente, como sustentar a continuidade dessa prática se ela não atrai novas gerações?

A resposta a estas questões pode, e deve, advir de estudos futuros que abarquem toda a complexidade que envolve a atividade artesã na contemporaneidade. A dicotomia economia versus saberes tradicionais está posta, o mercado artesão ainda transita num contexto de falta de regulação que implica em desafios ao sujeito que dele sobrevive nas esferas institucionais e sociopolíticas. Ainda como provocação para estudos futuros, é essencial debater e analisar criticamente, no contexto do artesanato, as relações de poder, pressão e autocobrança presentes no mundo empresarial, traduzidos pelo discurso de ser o gestor de si mesmo. Essa análise poderia oferecer novas perspectivas sobre as forças que moldam a atividade artesanal e suas possibilidades de resistência e adaptação em um mundo cada vez mais mercantilizado.

Ante o exposto, não se pode negar os desafios enfrentados no contexto artesão, intensificados pela chamada 'mão invisível do mercado', que estrangula suas tradições e empurra a atividade artesã para uma realidade de, por que não dizer, precariedade. Coadunando com Puello-Socarrás (2021) no entendimento de que a natureza contraditória do capitalismo se manifesta revelando a exploração, dominação e opressões em variados níveis sociopolíticos, econômicos e culturais, parece ficar evidente que, no contexto da atividade artesã, caminha-se para o predomínio das práticas gerencialistas modernas que se utilizam de elementos como o determinismo econômico e a importância do trabalho na vida das pessoas. Tal predomínio enseja a criação de vínculos que colocam o artesão numa relação simbiótica nas quais as reestruturações organizacionais são vistas como reformas das subjetividades desses indivíduos, moldando suas identidades e emoções para se alinhar com os objetivos de uma organização que parece ainda não ter contornos bem definidos, mas que está lá, ancorada em aspectos econômicos, empurrando o artesão para uma condição de autogestão, gerando agendas individuais que tendem a minar o processo cultural por trás da atividade artesão (Salimon & Siqueira, 2013).

Este ensaio procurou evidenciar, ainda que de modo preliminar e conceitual, algumas das tensões enfrentadas por artesãos em seus contextos sociais e produtivos. Observou-se que, embora a condição da atividade artesã na contemporaneidade seja marcada pela precarização, o simbolismo da arte

e da cultura resiste e contrasta fortemente com a realidade, muitas vezes degradante, das condições de trabalho e de vida daqueles que fazem da confecção manual seu ofício – mesmo quando suas peças alcançam grandes feiras ou galerias. E talvez seja justamente esse simbolismo cultural que contribua para a vitalidade da prática, como aponta a pesquisa de Leite (2005), ao mostrar artesãs que resistem em abandonar seu fazer, encontrando nele não apenas uma ocupação, mas uma razão de ser.

CRediT-Taxonomía

Adolfo de Alencar Melo Júnior: Administración del proyecto, Análisis formal, Conceptualización, Curaduría de datos. Escritura - revisión y edición, Metodología, Redacción - borrador original.

Diogo Henrique Helal: Conceptualización, Curaduría de datos, Escritura - revisión y edición, Metodología, Supervisión, Validación.

Referências

- Alvim, M. R. B. (1983). Artesanato, tradição e mudança social – um estudo a partir da “arte do ouro” de Juazeiro do Norte. Em *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Funarte.
- Anjos, R. A. dos, Torres, P. M. de A., & Silveira, N. B. da M. (2021). Artesanato Paraibano: Um estudo sobre identidade e território em Associações de Artesãs da Paraíba. *DAT Journal*, 6(1), Artigo 1.
- Bell, E., Toraldo, M. L., Taylor, S., & Mangia, G. (2018). Understanding Contemporary Craft Work. Em E. Bell, G. Mangia, S. Taylor, & M. L. Toraldo (Orgs.), *The Organization of Craft Work*. Routledge.
- Canclini, N. G. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. Editora Brasiliense.
- Dickie, V., & Frank, G. (1996). Artisan occupations in the global economy: A conceptual framework. *Journal of Occupational Science*, 3, 45–55.
- Faria, A. M., & Silva, A. R. L. da. (2017). Artesanato nos estudos organizacionais: A literatura brasileira de 2006 a 2015. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(2), Artigo 2.
- Fernandes, A. P. (2017). *Um novo artesanato brasileiro: A busca por uma identidade cultural e social* (1). 1(1), Artigo 1.
- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como Doença Social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Idéias & Letras.
- Harvey, D. (2008). *Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Edições Loyola.

- Keller, P. F. (2014). O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. *Política & Trabalho: revista de ciências sociais*, 41.
- Leistner, R. M. (2018). Entre o tradicional e o moderno: o artesanato de brinquedos de miriti como “cultura de transição”. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 14(4).
- Leite, R. P. (2005). Modos de vida e produção artesanal: Entre preservar e consumir. Em *Olhares Itinerantes: Reflexões sobre artesanato e consumo da tradição*. Cadernos ArteSol.
- Lima, M. F. (2016). Design e artesanato: Relações de poder. *Blucher Design Proceedings*, 2(5), 11–20.
- Machado, F. C. L.; Silva, A. R. L. da & Fernandes, T. A. (2020). The ordinary, cultures, and management: The organizing processes within the handicraft sector in Piúma (ES), Brazil. *Organizações & Sociedade*, 27, 644–673.
- Machado, J. P. & Colvero, R. B. (2017). Artesão ou guasqueiro: Uma discussão sobre identidade e Memória. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 3, 129–141.
- Marquesan, F. F. S., & Figueiredo, M. D. D. (2014). De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 15, 76–97.
- Mello, C. I. de, & Froehlich, J. M. (2022). Território feito à mão: O artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, 10(2).
- Mello, C. I. de & Froehlich, J. M. (2021). Hibridação e tradução cultural em tempos de globalização: Reflexões sobre o artesanato contemporâneo em perspectiva territorial. *Polis (Santiago)*, 20(59), 203–222.
- Moraes, M. D. C. de; Seraine, A. B. M. dos S. & Barbosa, C. (2020). Artesanato e políticas públicas no Brasil: Uma trajetória entre economia e cultura. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, 10(25).
- Oliveira, C. F. de, & Neto, A. R. V. (2008). A negociação do artesanato nordestino nos mercados internacionais. *Revista Alcance*, 15(3).
- Polanyi, K. (2012). *A subsistência do homem*. Contraponto.
- Puello-Socarrás, J. F. (2021). Novo neoliberalismo: Arquitetônica estatal no capitalismo do século XXI. *Revista Eletrônica de Administração*, 27(1).
- Ramos, S. P. (2013). Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como atrativo de um Turismo Cultural. *Rosa dos ventos - Turismo e Hospitalidade*, 5(1).
- Rhoden, I.; Lopes, M. R. R.; Pinheiro, A. A. G. & Martins, J. C. de O. (2017). Qualidades subjetivas do trabalho artesão: Um estudo sob a perspectiva das experiências de ócio. *Psicologia em Revista*, 23(1), 471–487.
- Ribeiro, G. D. F. R.; Figueiredo, L. F. G. D. & Ourives, E. A. A. (2018). Design com Foco em Industrianato sob Abordagem Sistêmica. *Blucher Design Proceedings*, 233–245.

- Sá, M. G. de. (2023). Além do barro em imagens: fotografias como narrativa de uma condição artesã. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 10(1).
- Sá, M.; Souza, D.; Sousa, J. & Leal, B. (2020). A comunidade artesã do alto do moura no século 21. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 178–195.
- Salimon, M. I. & Siqueira, M. V. S. (2013). Ideologia gerencialista e subjetividade do trabalhador no terceiro setor. *Revista de Administração (São Paulo)*, 48, 643–657.
- Sapiezinskas, A. (2012). Como se constrói um artesão: Negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. *Horizontes Antropológicos*, 18, 133–158.
- Shah, A. & Patel, R. (2017). Problems and Challenges Faced by Handicraft Artisans. *Working Papers*, Artigo 2017-06-14.
- Silva, C. L. R. da & Silva, A. R. L. da (2019). Sociomaterialidade, Poder e Conexões em Redes de Ação no Organizar do Artesanato. *Revista de Administração Contemporânea*, 23, 454–475.
- Siqueira, É. S.; Silva, F. C. L. da; & Silva, M. H. (2021). Informalidade e Resistência Cultural: O trabalho das artesãs do Alto do Moura—Caruaru/PE. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 8(2).
- Souza, D.; Sousa, J.; Sá, M. & Leal, B. (2020). O desengajamento do trabalho artesão e os rumos da nova geração na comunidade do Alto do Moura-PE. *Cadernos EBAPE.BR*, 18, 623–634.
- Tedesco, J. C. (2018). Artesanato, territorialidades étnicas e agricultura familiar: Dinâmicas socioculturais e mercantis no meio rural: O caso da Rota das Salamarias. Em D. D. David & D. L. de Vargas, *Saberes Tradicionais e Artesanato: Expressões culturais do campo brasileiro*. Oikos Editora.
- Thiemann, L. (2022). *The Third Class: Artisans of the world, unite?* [Tese de Doutorado]. Erasmus University Rotterdam.
- Torres, D. R. V. (2016). Campo Artesanal e Produção Acadêmica: Artesanato e Artesãos no Brasil. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 21(2).
- Vieira, C. L. S. & Grangeiro, R. D. R. (2020). Carreira no Artesanato: Um Estudo com Xilogravuristas do Cariri Cearense. *Revista FSA*, 17(6), 3–29.
- Vieira, F. M. F. (2019). *O artista contemporâneo enquanto artesão – a presença do fazer manual na arte* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- Vieira, G.; Amorim, H.; Neves, P.; Mar, A.; Medeiros, R. & Sampaio, P. (2023). *Guia prático para Confecção de Artefatos de Madeira em Uniades de Conservação de Uso Sustentável*. Editora INPA.